

Tranque a porta quando sair....

Teatro de Roberto Villani

Personagens:

RAQUEL – relativamente jovem, perto dos 30 anos.

GEORGE – maduro, perto dos 50 anos.

CENÁRIO :

Quarto de Raquel – mobiliário bem modesto.

À direita do cenário, uma porta – entrada para o banheiro conjugado (que não se vê).

À esquerda, a porta de entrada do cômodo.

Uma cama de casal colocada no centro do palco, tendo, num dos criados-mudos, um abajur. Junto à porta, à direita, uma penteadeira antiga, cujo estilo não combina com a cama.

Há um guarda-roupa à esquerda e uma pequena estante com poucos livros e um velho toca-discos.

OBSERVAÇÃO – Esta peça não deverá ser interrompida a título de ATOS.

Qualquer pretensão de montagem deverá Ter a necessária autorização do autor, através da Sociedade Brasileira de Autores teatrais – SBAT.

ATO ÚNICO

CENA 1

Luz obscura, projetando sombras; a luz do abajur está acesa.
Ouve-se música de Bach (o toca-discos está ligado – volume médio).

Raquel está deitada, com o lençol cobrindo seu corpo da cintura para baixo.
Recostada no travesseiro, ela lê um livro qualquer. Depois de instantes, pela porta da esquerda, entra George, sorrateiro, esgueirando-se pela lateral esquerda. Caminha de lado, em direção à ponta do palco. Mostra-se cauteloso, misterioso. De repente...

RAQUEL – (solta o livro e cobre-se, até o pescoço, com o lençol – susto): O que é isso?
Quem é você?

GEORGE – (à sombra, imóvel): Não se assuste.

RAQUEL – (assustadíssima): Que você quer? Eu... Eu não tenho dinheiro...

GEORGE – Eu não sou ladrão.

RAQUEL – É sim! (grita): Socorro!

GEORGE – (faz menção de se aproximar): Por favor, não grite.

RAQUEL – (afliíssima): Vá embora! (grita): Polícia! Socorro!

GEORGE – (aproxima-se): Que diabo está fazendo? Vai acordar os vizinhos!

RAQUEL – (encolhe-se sob o lençol): Pois é o que quero fazer. Socorro!

GEORGE – (ameaçador – bem próximo): Cale a boca, estúpida! Se eu quisesse fazer-lhe algum mal, já tinha feito. (afasta-se, pondo-se de costas para Raquel):
Mulher idiota!

RAQUEL – (acalmado-se): Desculpe... Estou assustada...

GEORGE – (voltando-se, agressivo): Eu não sou ladrão (abre o casaco de couro): Veja, não
Tenho nenhuma arma...

RAQUEL – (confusa): Eu... Eu não sei o que dizer...

GEORGE – (meio suplicante): Escute, Raquel, eu preciso da tua ajuda...

RAQUEL – (procurando controlar-se): Minha ajuda? Eu... Eu não posso fazer nada...
(desconfiada): Espere, você disse o meu nome?

GEORGE – Você nunca pode fazer nada...

RAQUEL (agressiva): Você falou o meu nome?

GEORGE – Por favor, Raquel, entenda. Eu vim até aqui para pedir ajuda.

RAQUEL – Você está com artifícios! Onde está a sua arma?

GEORGE – Eu já lhe disse. Não vim aqui para roubar...

RAQUEL (desconfiada): Não sei, não... Hoje em dia, a gente tem que se prevenir.

GEORGE – Deixando a porta aberta?

RAQUEL – (confusa): É... Não sei... Foi descuido.

GEORGE – (irônico): Ele se atrasou, não é?

RAQUEL – Acho melhor você sair...

GEORGE – (grita): Eu perguntei se ele se atrasou!

RAQUEL – (indignada): Que direitos você tem de saber da minha vida?

GEORGE – (entre os dentes): O mesmo direito que você tem de me chamar de ladrão.

RAQUEL – Eu não estava esperando ninguém...

GEORGE – E deixou a porta aberta?

RAQUEL – Já disse, foi descuido.

GEORGE – (agressivo): Você é igual a todas as mulheres: hipócrita!

RAQUEL – (põe-se de pé, fora da cama – irritação, indignação): Ora, seu atrevido!
Você entra no meu quarto como um bandido e ainda me ofende! Como deve
fazer com suas amantes? Saia já do meu quarto ou chamo a polícia!

GEORGE – (irônico): Calma, calma... Onde está o seu medo? Eu posso ser um ladrão de

Verdade... Quem sabe, um estuprador (ri)...

RAQUEL – (ameaça sair): Eu vou chamar alguém...

GEORGE – (irônico): Assim, toda transparente? (num gesto infantil, Raquel tenta cobrir-se com as mãos): Mas o que é isso, Raquel? Afinal, somos adultos...

(tenta aproximar-se de Raquel)

RAQUEL – (desviando-se): Você é um insolente! (dirigi-se ao banheiro)

GEORGE – Se elogios valessem a vida, eu já estaria morto há muito tempo...

RAQUEL – (do interior): Pois você é insolente, atrevido. E vagabundo! Ninguém entra no quarto de uma mulher, às duas horas da madrugada, para pedir ajuda. Essa é boa!

GEORGE – Mas foi por isso que eu entrei no seu quarto. (desliga o toca-discos): Preciso de ajuda.

RAQUEL – (retornando, de penhoir): Você deveria me respeitar.

GEORGE – Mas eu não desrespeitei você... Quero apenas que me ouça...

RAQUEL – Não quero saber de suas estórias, moço! Quero que vá embora! Amanhã, ou melhor, hoje, vou levantar cedo para trabalhar.

GEORGE – É a sua última palavra?

RAQUEL – (violenta, empurrando George): É, sim! Vá procurar emprego! Mantendo-se ocupado, não terá tempo para atacar moças indefesas.

GEORGE – (desvencilha-se de Raquel): Indefesa? É você quem está agredindo. Até agora, A única pessoa que tocou na outra foi você...

RAQUEL – Eu não toquei em você. Eu empurrei você!

GEORGE – É a mesma coisa. (senta-se na cama; entristece): Eu já estou acostumado com empurrões. Acho que é a única maneira que as pessoas encontram para tocarem em mim...

RAQUEL – Tolices!...

GEORGE – Pois acredite! Pode parecer piada, mas eu não nasci. Fui empurrado para fora! (começa a chorar)

CENA 2

Luz azul, pouco a pouco, vai dominando a iluminação do palco. Sonoplastia adequada. George deita-se de lado – posição fetal. Ocorre uma transformação nas características de interpretação de Raquel. Ela está de pé, à frente do palco, diante da platéia. Quase estática, com movimentos lânguidos, sua voz é firme e compassada...

RAQUEL – É a dor do meu pecado que se faz cada vez mais forte. Dor do corpo, dor da alma ... Abrem-se as entranhas da mulher... Cerram-se as superfícies frágeis do espírito... Que dor é maior que o pranto de uma alma em pedaços? Que tormento é mais vil que o desprezo à própria carne? Que crime é mais cruel que a repugnância à vida de um ser gerado em teu próprio ventre? Oh, dor da carne, dor do pranto, que juntas me obrigam a receber um novo sorriso numa vida jovem tão cheia de amarguras!...

GEORGE – (grita): Eu não pedi para nascer!

RAQUEL – (mistificando): É esquisito como vozes estranhas me ferem os ouvidos...

GEORGE – (suplicante): Eu não sou um estranho...

RAQUEL – (mistificando): Há os que são estranhos pelo simples fato de serem estranhos...

GEORGE – (suplicante): Eu só quero um pouco de amor...

RAQUEL – (mistificando): Os fortes que se fazem frágeis, não merecem consideração. E sem consideração,

transformam-se em estranhos... (ri) Engraçado...

GEORGE – (salta da cama, pondo-se diante de Raquel): Ouça, foi assim mesmo que eu nasci. Está certo, você interpretou perfeitamente bem a minha mãe, mas...

RAQUEL – (agressiva, “entre os dentes”): Eu odeio a sua mãe!

GEORGE – Você nem a conheceu, Raquel. Como se pode odiar uma pessoa que nunca vimos?

RAQUEL – Eu a odeio por ter parido você, George.

GEORGE – (radiante – reação infantil): Você disse o meu nome, Raquel, você me chamou de George, percebeu? (tenta juntar-se a Raquel; ela se desvia): Raquel, você pode me ajudar...

RAQUEL – (tentando ser natural): Você quer um licor? (dirige-se para a estante): Dizem que um licor é estimulante quando tomado de madrugada... Você acredita nisso? (começa a preparar a bebida).

GEORGE – Nunca ouvi tal coisa.

RAQUEL – (bem natural – dócil): Ouviu, sim. Eu falei agora mesmo...

GEORGE – (acalmado-se): Você me surpreende. Primeiro, tentou me jogar pela porta a fora. Agora, serve-me um licor...

RAQUEL – (trazendo o licor – servindo): Tome! É de laranja. Foi mamãe quem fez... (dengosa): Oh, não vá dizer que não gosta, só porque mamãe o preparou...

GEORGE – (pegando o cálice de licor): Claro que não. Para mim, não importa quem o fez... (bebe um gole): O que me importa é que foi servido por você...

RAQUEL – (afasta-se, colocando a bandeja sobre a estante. Depois, senta-se na cama, procurando uma pose sensual): Dizem que licor de laranja é afrodisíaco. Você... acredita nisso?

GEORGE – (confuso): Não sei...

RAQUEL – Como, não sabe? Você nunca precisou de ... estimulante?

GEORGE - Não.

RAQUEL – (irônica): Que homem viril, meu Deus! Que masculinidade! (ri)

GEORGE - Por que você está rindo?

RAQUEL - Bobagens... Me deu vontade de rir. Acho que é o efeito do licor...

GEORGE - Você ainda não bebeu uma gota de licor.

GEORGE - (forçando tipo): Oh, que gafe, meu Deus! Sem beber, já estou sob o efeito do líquido demoníaco... Sabe, as bebidas alcoólicas foram inventadas pelo diabo... Ou não foram?

GEORGE – Foram inventadas pelos homens.

RAQUEL - Dá na mesma... (altera a expressão – meio agressiva): Não existe diferenças entre homens e diabos! (toma o licor de uma só vez)

GEORGE - Não sei o que você possa Ter contra os homens.

RAQUEL - (agressiva): Tudo! Nunca me fizeram feliz. Nem por momentos, se quer saber.

GEORGE – Você... teve muitos homens na sua vida?

RAQUEL – (forçando tipo): Isso não importa, George! O que importa é que estou livre deles. Não preciso de nenhum, entendeu? De nenhum.

GEORGE - Nem de mim?

RAQUEL – (agressiva): Você seria o último homem que eu procuraria, George. (levanta-se da cama e sai pela porta da direita).

CENA 3

Volta a iluminação norma.

George, lentamente, dirige-se para a estante e liga o toca-discos – música de Bach. Depois, apanha o livro que Raquel lia e, folheando-o, fala com

amargura na

VOZ.

GEORGE - Vidas, sonhos, fantasias, realidades... Romances, estórias, palavras... O que São, na verdade, as palavras? Armas desprezíveis daqueles que matam pela boca? Soluções divinas daqueles que abençoam pelos argumentos? Informações da desgraça? Símbolos eternos das glórias? Caminhos camuflados da mentira? Atalhos iluminados da verdade? Quisera saber ao menos para que servem as palavras... Objetos cuspidos pelas bocas que beijam, que ferem, que condenam... Que falam coisas de amor... Talvez melhor fosse nascer mudo e surdo... Talvez fosse melhor nascer num mundo onde as palavras fossem inúteis... Talvez fosse melhor nascer... morto!

Raquel aparece, vestida de noite, com jóias, maquilada... Aproxima-se, carinhosa, de George.

RAQUEL - É a primeira vez que visto este vestido. Gosta?

GEORGE - É bonito.

RAQUEL - (carinhosa): Credo, George! É só isso? Bonito?

GEORGE - Que devo dizer?

RAQUEL - Sei lá, diga que estou linda...

GEORGE - Eu não preciso dizer... Você sempre foi muito linda, Raquel.

RAQUEL - E ainda sou?

GEORGE - Sim, ainda é.

RAQUEL - Apesar dos anos?

GEORGE - Você é muito jovem... (Raquel o beija, ternamente; George deixa ser beijado, friamente)

RAQUEL - O licor não fez efeito?

GEORGE - Não esperava que fizesse.

RAQUEL - Você está com ciúme de alguém? (afasta-se um pouco): Eu não gosto que você tenha ciúme, George. Isso é prova de que você não gosta de mim.

GEORGE - O ciúme é prova de amor.

RAQUEL - Está bem, concordo... Mas também é prova de desconfiança... Você não confia em mim?

GEORGE - Por que a porta estava aberta?

RAQUEL - Foi descuido, já disse várias vezes. George, você... (é interrompida por George).

GEORGE - (agressivo): Cala a boca, vagabunda! (Raquel assusta-se): Você pensa que eu não conheço as suas intenções? (Raquel afasta-se mais): Você quer me iludir com suas artimanhas diabólicas... Enfeita-se, perfuma-se e depois seduz o otário. É assim que todas as mulheres fazem, não é? (tenta aproximar-se de Raquel)

RAQUEL - Eu... Eu não sei... Eu só estava querendo ajudá-lo... Não foi por isso que você veio até aqui?

GEORGE - Você sabe que sim, Raquel. Mas você não quer me ajudar. Você quer me destruir!

RAQUEL - (assustadíssima): Claro que não. Você está louco... Se quer o meu dinheiro, pegue-o ...

GEORGE - (tentando aproximar-se de Raquel): Já lhe disse que não sou ladrão! Se me rebaixei vindo até você, é porque queria a sua ajuda. Mas você é cruel.

RAQUEL - (com pavor): Afaste-se, ou eu chamo a polícia.

GEORGE - (agarra Raquel com violência): Você não vai fazer coisa alguma! Eu a odeio, Raquel, odeio! (agarra o pescoço de Raquel)

RAQUEL - (pavor): Você não pode fazer isso, George! Largue-me!

GEORGE - (agarrado ao pescoço de Raquel): Eu vou matá-la, Raquel! É o único jeito de silenciar a sua boca!

RAQUEL - (com grande esforço, grita): Eu não sou sua mãe! (George, lentamente, larga Raquel - está

pasmado, confuso, olha suas próprias mãos, afasta-se lentamente. Olhar fico em Raquel, que está estática, pálida, silente... Aos pés da cama, George tenta correr para a porta da esquerda...): George, não vá! (George pára): Não é a fuga que resolve os nossos problemas... É a decisão de enfrentá-los. Os problemas são monstros criados por nós mesmos... São como sombras; nos acompanham por mais que tentemos fugir... O único remédio é enfrentá-los, frente à frente. Se nós os criamos, podemos destruí-los...

GEORGE – (lentamente, volta para junto de Raquel): Estou com medo, Raquel. Tenho medo de mim mesmo... Tenho medo do que fui, do que sou...

RAQUEL – (atenciosa, calma): Os anos transformam as pessoas, George. Modificam as fisionomias, mas não as almas. Não pense que o que você vê no espelho é a sua própria realidade... O que você vê é uma casca... A própria vida é uma casca, George, que definha, que apodrece... Mas o que você foi, o que você é, nunca deixará de ser.

GEORGE – (abraça-se em Raquel): Eu sou impotente, Raquel.

RAQUEL – (quase maternal): Eu sei. Mas isso não importa. Já lhe disse, o que importa é o que somos, não o que poderíamos ser... (dirige-se ao toca-discos): Sabe de uma coisa, vou trocar este disco. É muito triste, não acha? Que tipo de música você gosta?

GEORGE – (indiferente): Qualquer uma... Não tenho preferências.

RAQUEL – (escolhendo discos): Pois devia ter. A gente sempre deve ter uma preferência em tudo. Música clássica ou popular?

GEORGE – (ainda indiferente): Já disse, qualquer uma.

RAQUEL - Pois vamos ver se eu adivinho... Ouça este aqui. (coloca uma música com ritmo antigo, tal como bolero – esboça movimentos da dança): Que tal, hein? Bem do nosso tempo, não?

GEORGE - Do meu tempo. Você é mais jovem...

RAQUEL – (ainda esboçando movimentos da dança): Ser jovem é ser alegre, descontraído. Não é ter sessenta anos...

GEORGE – (grita, irritado): Desligue essa merda! (Raquel, surpresa, desliga o toca-discos): Eu não tenho sessenta anos, menina. Tenho pouco mais de quarenta.

RAQUEL – (irritada): Pois parece que tem oitenta! Eu não sei que diabo tem você que não gosta de nada!

GEORGE – (deprimido): Tenho dor, Raquel. Angústia!

RAQUEL – (dirigindo-se ao banheiro – porta à direita): Ora, vá pro inferno com tuas dores e angústias.

GEORGE – (cabisbaixo, encosta-se no guarda-roupa): Eu nunca saí do inferno, Raquel.

CENA – 4

Luz azul sobre o palco.

George caminha até a penteadeira e começa a examinar os produtos de maquiagem de Raquel.

GEORGE – (falando para Raquel, que está no banheiro): Você tem um bom material de maquiagem... Custou muito caro?

RAQUEL – (de dentro): Mais ou menos. Esse material é sempre caro, quando a gente procura as melhores marcas.

GEORGE - É engraçado como vocês se iludem passando essas coisas no rosto...

RAQUEL – (do banheiro): Não somos nós que nos iludimos, George. São os homens... Não se esqueça que nos vemos, todos os dias, no espelho das manhãs.

GEORGE - É mesmo. Sabe que eu ainda não tinha pensado nisso? Como são idiotas os homens!...

RAQUEL – (voltando, novamente de penhor): Não sei se são exatamente idiotas. Ou se fazem de idiotas. O que importa é que eles gostam e nós usamos... Vamos, agora vá encontrar com seus

amigos... Eu vou receber uma visita e não quero que você esteja por aqui.

GEORGE – (erguendo-se): Visita? Quem?

RAQUEL - Uma pessoa amiga.

GEORGE - Alguém que eu conheço?

RAQUEL - Pode ser. Mas não quero que ele o veja. Vamos, saia!

GEORGE - se você quer assim, está bem... Posso voltar logo?

RAQUEL - Depois de umas duas horas, mais ou menos. Você não tinha um trabalho para fazer?

GEORGE - Tenho, sim. É um trabalho da escola.

RAQUEL - Então, aproveite a companhia dos seus amigos... Trabalho em grupo é sempre mais divertido...

GEORGE – (saindo): Você tem razão. Dentro de umas duas horas, estarei de volta. (sai)

RAQUEL – (para George, que já saiu): Cuidado com os carros! (deita-se na cama, cobre-se com o lençol até a cintura, apanha o livro e começa a ler)

Retorna George, depois de alguns instantes, sorrateiro, da mesma maneira que apareceu na cena 1.

Quando já está na ponta do palco, sob sombras, Raquel o vê e se assusta.

RAQUEL – (cobrindo-se até o pescoço): Por que você voltou?

GEORGE - Por que você tornou a deixar a porta aberta?

RAQUEL - Eu não disse que estava para receber uma visita?

GEORGE - Ninguém recebe visitas deitada numa cama. Ou você está doente?

RAQUEL - Meu Deus do céu, vai começar tudo de novo?

GEORGE - E não ameaça chamar a polícia. Ela não prenderia um filho que proteja a própria mãe.

RAQUEL - ora, vá pro inferno om essa conversa de mãe. Eu não sou sua mãe!

GEORGE – É nisso que você quer acreditar, não é?

RAQUEL - Por favor, George, eu já não agüento mais. Será que você não percebe o quanto me faz sofrer?

GEORGE – (irônico): Mas olha só! a madame diz que está sofrendo por causa do filho que não compreende... mas foi você que nunca tentou me compreender. Você não presta!

RAQUEL – (põe-se de pé, violenta): Olhe aqui, seu fedelho! Não admito que alguém me ofenda desse jeito! E agora, saia!

GEORGE - Será que vou ser escurraçado a vida inteira?

RAQUEL - Pois se pensa que a minha piedade me fará tê-lo por perto, engana-se!

GEORGE – (suplicante): Pelo menos, deixe que a sua piedade a faça amar-me... É de amor que os homens precisam, não de portas abertas por descuido...

RAQUEL - A piedade consome o amor, George. Amar por piedade é o mesmo que matar por ódio... A dor é a mesma.

GEORGE - Qual é o tipo de amor que você tem por esse homem?

RAQUEL - Que homem?

GEORGE - O homem da tua visita.

RAQUEL - Amor por necessidade.

GEORGE - E não é pior que a piedade?

RAQUEL - Talvez seja... Mas é mais fácil a gente se acostumar com a necessidade do que com a piedade...

GEORGE - Mas o amor por necessidade pode transformar-se em tédio...

RAQUEL - E não seria o tédio que nos leva à piedade?

GEORGE – (mostra sinais de irritação): Você e seus jogos de palavras. Você tem prazer em me confundir, não?

RAQUEL - Eu não procuro confundir quem já está destruído pela própria confusão. Quem é você, George?

Música apropriada de fundo.

George caminha, lentamente, para o centro do palco. Fita a platéia, com severidade. E fala, em tom agressivo.

GEORGE - George, quem na verdade é você? Desconfio que você veio das profundezas do universo, onde não havia luz e o silêncio eterno demonstrava a morte prematura das estrelas... Sim, é desse lugar que George veio. E nasceu num lugar não melhor, pois a luz é tão clara que nos cega e as palavras provocam tal ruído pela mentira e por portas abertas por descuido. Eu sou uma sombra, que se arrasta pelas paredes com medo de que a luz da verdade possa pagar o que resta de uma alma de mentira.

RAQUEL – (desesperada): Chega, George! Tudo isso é horrível! (começa a chorar – atira-se sobre a cama).

CENA – 5

A luz azul é desligada; luz normal sobre o cenário.

A música de fundo desaparece.

George dirige-se até o toca-discos, em silêncio. Escolhe um disco e o coloca para tocar; ouve-se um samba de Martinho da Vila.

George balança ao ritmo da música; esboça cantar junto. Aproxima-se de Raquel que, ainda sobre a cama, acalma o pranto.

GEORGE - Vamos dançar? (Raquel o olha, perplexa): Por que o espanto? Ainda não se acostumou comigo?

RAQUEL – (sentando-se na cama): Desde que você apareceu, não consegui compreendê-lo, apesar de ter tentado.

GEORGE - Não se preocupe com isso, Raquel.

RAQUEL - Você me surpreende a cada minuto... É tão estranho...

GEORGE – (sempre balançando no ritmo da música): Tudo isso é insignificância. Como dizem, baboseiras! Você tem algum Chiclete por aí?

RAQUEL – (espantada): Chiclete?

GEORGE – Sim, esse negocinho que a gente põe na boca e fica ruminando o tempo todo. tem algum por aí?

RAQUEL - Sim... Acho que tenho um na bolsa... (levanta-se e apanha a bolsa): Recebi como parte de troco... (abre a bolsa e procura o chiclete).

GEORGE - Sabe, boazuda, um chicletinho vai bem nessas horas... Mantém a boca úmida, morô?

RAQUEL – (ainda sob o efeito da emoção): Deve estar por aqui...

GEORGE - É difícil achar coisinhas nas bolsas das mulheres, não? Como encontrar, por exemplo, um botão? Ou o número de um telefone qualquer... Talvez uma chave de motel... (ri)

RAQUEL – (achando o chiclete): Aqui está. É de hortelã, serve?

GEORGE - Qualquer um, gata. Qualquer um... É só para amaciar as mandíbulas...

RAQUEL – (passando o chiclete para o George – esboça um sorriso): Você está tão engraçado...

GEORGE – (pondo o chiclete na boca): Diga que sou um barato, mina. um barato... E agora, vem pra cá.

RAQUEL – (sem entender bem...): O que você está pretendendo?

GEORGE – (puxando Raquel pelo braço): Supondo que estamos num barzinho... Daqueles que a poluição chegou antes que o ar... Daqueles que a mulherada ganha dinheiro tirando a roupa, morô? Pois é, um sambinha muito legal... Uma gata muito gostosa... O resto é o silêncio, como dizia

Shakespeare...

RAQUEL - Você parece gostar desses barzinhos, não?

GEORGE - Adoro. lá ninguém fala, tá entendendo. Todo mundo age em silêncio... É disso que eu gosto. Quando a gente fala demais, acaba tudo saindo errado, mina. Faz de conta, mina. Faz de conta.

George e Raquel dançam em silêncio, por alguns instantes. Depois, George senta-se à beira da cama, ou melhor, aos pés da cama, como se estivesse à mesa do tal bar; Raquel fica de pé, observando-o, sem entender bem o que ele pretende.

GEORGE – (estalando os dedos): Guria, traz um licor daqueles “levanta defunto”... Tô precisando duma dose dupla, falô?

RAQUEL – (dá de ombros e obedece): Pois não, cavalheiro. O senhor quer um licor afrodisíaco, não é?

GEORGE - É isso daí, guria. Aliás, traz dois. um pra mim, outro pra minha gatona gostosa aqui do lado. Se isso daí é bom pra mim, deve ser bom pra ela, morô? Quando dois vão pra cama, os dois devem estar motivados, tá entendendo? Dois na cama tem que ser como um só. Caso contrário, é como se fosse a metade... (ri)

RAQUEL – (enquanto prepara o licor): Agora, quem está com jogo de palavras é você, George.

GEORGE - É a vida, guria, é a vida. Confesso que nem eu mesmo tô me entendendo. Tô me enroscando nas palavras...

RAQUEL – (aproxima-se, com os dois cálices de licor): Aqui está, cavalheiro! (serve George): Onde está a sua... gatona gostosa?

GEORGE – (agarra Raquel, puxando-a): Aqui mesmo, guria!

RAQUEL – (procurando equilibrar o cálice com o licor, senta-se do lado de George): Cuidado, George! Assim, você me derruba...

GEORGE - Escuta aqui, guria. Se eu te convidasse pra dar umas voltinhas... Quem sabe, darmos um “chegozinho” até no meu apartamento... Sabe como é, isto aqui é um barato, mas não tem sentido, entendeu?

RAQUEL - Não, não estou entendendo...

GEORGE – É o seguinte, guria. Estamos nós dois, no escurinho... Tomando um licorzinho levanta defunto... Essa musiquinha emocionante nos ouvidos... Você olha pra mim, eu olho pra você... Eu tô pensando uma coisa e você pensa também a mesma coisa... Qual é o sentido que tem nisso tudo? Negócio careta, chatérrimo, morô?

RAQUEL – (ergue-se, afastando-se): Eu não sei do que você está falando...

GEORGE – (levanta-se e abraça Raquel, pelas costas – malicioso): Claro que sabe. Por acaso, não está sentindo um arrepiozinho subindo e descendo pela espinha? Não está com a boca seca e um calorzinho que sobe dos pés à cabeça?

RAQUEL – (confusa): Bem...

GEORGE - Pois é isso mesmo, guria. É assim que a gente se sente na hora que considera o resto sem sentido. Quando um deseja o outro, o que mais pode ter sentido?

RAQUEL – (desvencilhando-se de George – afasta-se): George, sinto muito, mas não posso.

GEORGE – (surpreso): E por quê?

RAQUEL - Você precisa ir para a sua casa. Já está ficando tarde...

GEORGE - Ora, eu já estou bem grandinho para ter horário de volta. Que porra de conversa é essa?

RAQUEL – (mais agressiva): Porque você não foi educado para essa vida de barzinhos.

GEORGE - E você, foi? Por acaso não foi num barzinho desses que eu encontrei você?

RAQUEL - Eu fui lá procurar uma pessoa.

GEORGE - O cara que devia ter entrado por aquela porta (indica a porta da esquerda)?

RAQUEL - Ora, pare de ser idiota! E não queira regular a minha vida.

GEORGE - E por que eu não posso regular a sua vida?

RAQUEL - Que? (riso forçado): Seria muito bonito um rapazola como você controlar o que eu faço! Só me faltava essa! Por que não vai controlar a vida das suas amiguinhas?

GEORGE - Porque eu não tenho amiguinhas. A única amiga que tenho é você...

RAQUEL - Pois não conte com a minha amizade!

GEORGE - Ora, se eu não posso contar com a sua amizade, de quem mais posso esperar carinho? Da vizinha?

RAQUEL - Pois vá pedir a ela! Vá lá e diga que está precisando de carinhos! Não se esqueça que ela tem a mesma vida que a minha. Faz as mesmas coisas que eu faço. Quem sabe ela poderá atender aos seus pedidos... Afinal, não há nenhum traço de ligação entre você e ela, não é?

GEORGE - Eu só queria saber porque você é assim, merda!

RAQUEL - Para sobreviver. Para sobreviver, meu juvenzinho. Se você pensa que a vida é cor de rosa como dizem os estúpidos, está muito enganado! A vida é negra! É suja como o esgoto que corre por baixo das ruas! E se quisermos sobreviver, temos que nos adaptarmos ao lixo, juvenzinho. Ao lixo!

GEORGE - (desespero): É mentira! Não posso acreditar que existam pessoas capazes de suportar o cheiro da podridão, como se fizessem parte dela. Eu devo estar sonhando, meu Deus!

RAQUEL - Pois não está, juvenzinho. Eu sou igual a tantas outras que vegetam por aí, em busca de migalhas para matar a sua própria fome e a fome de um bastardo que apareceu sem que ninguém o esperasse!

GEORGE - (ameaçador): Você não se referiu amim, não é?

RAQUEL - (violenta): Bastardo! Você é um bastardo!

GEORGE - (violento): Você está desonrando o nome de meu pai!

RAQUEL - (dentro da violência, gargalha forçadamente): Pai?! Pois quero que me diga quem é o teu pai? Essa coisa ridícula só podia partir duma cabeça de bosta como a tua!

GEORGE - (violente, ameaçador): Então, as fotografias...

RAQUEL - (gargalhada, estérica): Fotografias? Aquelas que te mostrei muitas vezes? (gargalha): Oh, santa ingenuidade! Aquele cara não existe! Era um qualquer! Eu só estava tentando dizer que você tinha um pai de verdade, idiota! Palavras à toa...

GEORGE - (misterioso, ameaçador): Por que? Para que? Por que você abre a boca, desgraçada? Para me ferir com tuas palavras envenenadas? Pois eu td odeio! Você acaba de roubar o que de mais sagrado eu tinha - as saudades de um pai que eu nunca vi!

RAQUEL - (irônica): Cena bonita pra novela de televisão, não pra vida real...

GEORGE - (mantém o tipo): Você sabe o que é destruir a imagem de um pai num jovem de dezoito anos? Não, você não deve saber... Você é cruel demais para entender as coisas de um coração jovem...

RAQUEL - Eu mesma nunca tive um pai de verdade... Isso é tolice, juvenzinho.

GEORGE - E não me chame de juvenzinho! agora sem, descobri o que você é...

RAQUEL - (aproximando-se): Pois então, diga-me. Que grande descoberta você fez a meu respeito?

GEORGE - Sim, uma grande descoberta. Descobri que você é uma grande puta!

Ato contínuo: Raquel esbofeteia George. Ficam frente à frente, olham-se em silêncio; olhar fixo, estático... Pausa para os peitos ofegantes...

Depois, com desespero, abraçam-se fortemente, demoradamente, em silêncio...

CENA - 6

Raquel separa-se de George e vai até a estante, desligando o toca-discos. parece cansada... George senta-se na cama, também com aspectos de cansaço. Ambos não se falam, nem se

olham. Raquel recosta-se na cama, em silêncio. George ergue-se e vai até a ponta do palco, como se olhasse pela janela do cômodo. olha para cima, a observar o céu imaginário...

GEORGE - Quantos poetas já exaltaram a beleza da lua... E das estrelas... Há no céu um grande celeiro de musas. acredito que em cada estrela daquela, muitos rostos já foram projetados. Eu mesmo, sem ser poeta, já transformei a face de muitas estrelas em rostos amados...

É uma sensação estranha confundirmos estrelas com amores... E é engraçado como são coincidentes os meus amores com as estrelas... Tudo tão distante... Tão inatingível... Tão silencioso... Talvez por isso eu ame as estrelas, porque elas não falam e não têm portas para permanecerem abertas... Sabe, Raquel, as palavras das estrelas são o brilho que elas produzem em nossos olhos... Não nos fazem mal...

RAQUEL - Porque a verdade delas é ainda incompreensível para os homens.

GEORGE - Não há mentiras no espaço, Raquel.

RAQUEL - Nem esperanças...

GEORGE - A esperança é própria da Terra, onde há sofrimento... Aquele que sofre, procura sobreviver na esperança...

RAQUEL - Mas você está morrendo, George.

GEORGE - Eu já deixei este mundo há muito tempo... Eu devo estar lá em cima, onde não existe esperança...

RAQUEL - É a tua dor que te faz esconder-se entre sonhos e estrelas.

GEORGE - São as palavras que me fazem sofrer...

RAQUEL - As verdades...

GEORGE - As mentiras...

RAQUEL - O medo de ser o que é...

GEORGE - As portas abertas... (desespero): Merda! Quando é que vou dar paz à minha consciência?

RAQUEL - Quando aceitar a realidade, tal qual ela é.

George volta-se para Raquel, procurando descontraí-la. Senta-se na cama, ao lado de Raquel.

GEORGE - (a princípio, meio confuso, querendo mudar de assunto...): Parece que vai esfriar... Aquele licor tem um gosto... É bom o livro que você está lendo?

RAQUEL - Quer mudar de assunto?

GEORGE - (encabulado): É... Na verdade, quero... Mas não sei o que dizer...

RAQUEL - (jovial, sentando-se na cama): Pois eu vou contar pra você uma coisa que aconteceu comigo hoje. Lá no escritório.

GEORGE - Você ainda trabalha no mesmo lugar?

RAQUEL - Claro! Mas escute: eu estava atendendo um chamado telefônico quando entrou um rapaz. ele parou bem na minha frente e parecia querer falar alguma coisa. Então, como eu estava ocupada com o telefone, fiz-lhe um sinal que sentasse. Aí, ele entendeu e sentou-se. Mas o telefonema era demorado...

GEORGE - Como nos velhos tempos?

RAQUEL - Sim, como nos velhos tempos. O chefe não estava e eu é que tinha de resolver alguns problemas... Você sabe como é, não? Acho que eu fiquei mais de uma hora telefonando. Pois não é que esqueci do tal rapaz? Acabei de telefonar, peguei minha bolsa e saí... Estava na minha hora de almoço... Juro que não reparei que o rapaz estava lá, sentado, quieto... Mas quando eu entrei no restaurante...

GEORGE - O velho restaurante?

RAQUEL - Sim, aquele mesmo. Pois quando eu entrei, uma surpresa: o tal rapaz me esperava, com o meu

lugar guardado. Acho que enquanto eu dei um telefonema de um orelhão, ele foi ao restaurante... Mas como ele sabia onde eu iria almoçar?

GEORGE - Da mesma maneira que eu soube...

RAQUEL - Sim, talvez... Eu recusei... Insisti mesmo... Mas ele fez questão que eu almoçasse com ele... Não tive outro jeito. Almoçamos quase em silêncio. Conversamos apenas sobre coisa banais, como o sabor de determinados pratos, o prazer de algumas bebidas... Terminamos de almoçar, pagamos as contas separadamente e nos despedimos. Não me perguntou o nome, nem eu o dele.

GEORGE - Ele não disse o que queria do escritório?

RAQUEL - Incrível, não falou nada sobre a sua ida ao escritório. Depois que nos separamos, na rua, fiquei pensando: que coisa mais esquisita... Por que será que ele fez isso? Seria tímido...

GEORGE - É claro que não. Ele usou você!

RAQUEL - (surpresa): Me usou? Como? Pra que?

GEORGE - Simples... Ele precisava de companhia... Talvez até companhia momentânea...

RAQUEL - Ora, mas ele foi até o escritório... Especialmente?

GEORGE - Não acredito. Teria outros motivos pra ir até lá... Mas quando viu o seu jeito de ser, de ouvir, escolheu você para companhia.

RAQUEL - Você fala com uma convicção que eu acabo acreditando...

GEORGE - Pois acredite, Raquel. Esse rapaz é carente de amizades... Ele precisa de amigos que o ouçam com atenção... Coisas assim.

RAQUEL - Mas ele quase não falou comigo... E o que falou foi um monte de besteiras... Nada sobre ele mesmo.

GEORGE - Pois eu digo pra você que ele queria que você ouvisse o se silêncio.

RAQUEL - O meu silêncio? (ergue-se e vai até a ponta do palco): Pois lhe digo que falei muito mais do que ele.

GEORGE - Eu disse o silêncio dele. Esse rapaz já está entre as estrelas, como eu, onde não há esperança...

RAQUEL - (visivelmente nervosa): Bobagens! Eu não posso acreditar que um rapaz tão jovem, tão bonito, não tenha mais esperanças... Ele queria a minha amizade, e eu não lhe dei chances para se declarar.

GEORGE - Ele já tem a sua amizade, Raquel. Amizade por... necessidade!

RAQUEL - (nervosa): George, vamos parar com esse seu tom maquiavélico de falar. Você chega a me assustar... (vai até a estante)

GEORGE - (no mesmo tom): Outro licor? Você acaba se excitando, Raquel. Pode ser perigoso...

RAQUEL - (servindo-se do licor): Nada mais pode ser perigoso na minha vida, George. Tudo é banal, sem graça!

GEORGE - As decepções?

RAQUEL - Sim, as decepções ... Ninguém é tão forte que não possa tombar diante das decepções...

GEORGE - Você me parece muito jovem para tanta amargura, Raquel. Não se deixe levar pelas estrelas.

RAQUEL - (mais uma dose de licor): Pois fique sabendo que você acaba de me empurrar para o céu, George.

GEORGE - (ergue-se e também vai servir-se do licor): Não diga isso! Você acaba se recuperando. Tem muito tempo pela frente e, além disso, uma porta... (é interrompido por Raquel).

RAQUEL - (severa): Que você acaba de fechar! (silêncio entre ambos; George bebe o licor enquanto observa Raquel; esta, bebe outra dose, oferece a George um sorriso forçado e...): Desculpe, George, se o magoei. Mas a idéia de que esse rapaz... ("segura" o pranto).

GEORGE - (descontraído): Ora, Raquel, que é isso? (procurando melhorar a situação): Vamos sair?

RAQUEL - Sair? Às três horas da madrugada?

GEORGE - Quando se quer vencer o tempo, façamos de conta que o tempo não existe.

RAQUEL - Bem... Não sei... E para onde iríamos?

GEORGE - Sei lá... Caminhar um pouco... Como se costuma dizer, esticar as pernas...

RAQUEL - Honestamente, não me sinto disposta a sair esta noite.

GEORGE - Está bem. se você não quer... (tirando o casaco): Posso tomar um banho? (joga o casaco sobre a cama)

RAQUEL – (confusa): Aqui? No meu apartamento?

GEORGE - E daí? Por acaso não estou dentro do seu apartamento? Quem lá de fora vai saber se tomei ou não um banho aqui? Só se olharem pela porta, que continua aberta.

RAQUEL – Bem, o mal pior já foi feito...

GEORGE - E qual foi o mal pior?

RAQUEL - Foi deixar você entrar... Agora, tanto faz se você toma ou não um banho...

GEORGE – (dirigindo-se ao banheiro): Pois então, vamos ao banho. Com licença, minha senhora! (sai pela porta à direita).

CENA – 7

Retorno da luz azul.

Retorno da música de Bach, pela sonoplastia.

Raquel, lentamente, aproxima-se do casaco de George. Segura-o com as mãos, como quem empunha um troféu.

Ouve-se o ruído da água do chuveiro.

Raquel começa a revistar os bolsos do casaco, afoitamente. Uma carteira, documentos, um pente e um bilhete. Atira o casaco sobre a cama e põe-se a ler o bilhete. Altera a expressão do rosto – expressão de severidade. Depois...

RAQUEL – (para George): De quem é este bilhete?

GEORGE – (do banheiro): Que bilhete?

RAQUEL - Este, no seu bolso do casaco.

GEORGE – (do banheiro): Quem lhe deu ordem para revistar meu casaco?

RAQUEL - Quem faz as perguntas sou eu. De quem é este bilhete?

GEORGE – É de um amigo! Eu o guardei para ele.

RAQUEL – (irônica): Não diga! Quer dizer que você consegue amigos que têm o seu próprio nome?

GEORGE – (do banheiro) Como assim?

RAQUEL – (severa): Este bilhete está endereçado a você!

GEORGE – (do banheiro): Está? Sabe que não notei... (o ruído de água pára).

RAQUEL - Deixe de ser fingido! Quero saber de quem é este bilhete, George!

GEORGE – (ainda no banheiro): Posso usar a sua toalha?

RAQUEL - Já usou meu sabonete.

GEORGE – (do banheiro): Sabonete cheiroso... uma delícia. O perfume também é afrodisíaco?

RAQUEL – Claro que não. É um sabonete comum, não está vendo?

GEORGE – (do banheiro): E desde quando você compra sabonetes comuns? Caiu da pose, madame?

RAQUEL - Esse sabonete eu ganhei... ou melhor, esqueceram aí, se quer saber.

GEORGE – (enrolado na toalha, volta ao palco): Oh, não diga... Que emocionante eu saber que um homem tomou banho no seu banheiro, mas com o sabonete dele. (irritado): Não acha emocionante?

RAQUEL – (mostrando o bilhete): Quero saber de quem é isto aqui!

GEORGE - Um bilhete qualquer... Coisa sem importância...

RAQUEL - Pois para mim é uma denúncia.

GEORGE - Talvez... Quem sabe é uma denúncia com o mesmo valor do sabonete que deixaram no seu banheiro... Faça as devidas comparações: um bilhete esquecido no bolso do meu casaco... Um sabonete esquecido no seu banheiro... Duas denúncias, ou melhor, duas confirmações: uma a meu respeito, outra a seu respeito. E daí?

RAQUEL – (indignada): Eu jamais poderia imaginar que você... (é interrompida por George).

GEORGE - Pois imagine! Quando eu entrei por aquela maldita porta (indica), você já devia imaginar o que eu queria... E o que eu era! Além do mais, não me venha com críticas nem recomendações. Seria ridículo você querer ensinar-me a viver... (senta-se no banquinho da penteadeira).

RAQUEL - Eu começo a me envergonhar de você, George.

GEORGE - Pois você me causa nojo há muito tempo. Nisso, eu fui mais esperto que você.

Raquel, num gesto de desespero e revolta, amassa o bilhete e, passando por George, atira-o no rosto. Depois, vai até o banheiro, apanha o vestido com o qual retorna ao palco. Diante de George, troca-se, despindo-se da camisola e colocando o vestido. Vai a penteadeira, empurra George para fora e começa a se maquilar.

GEORGE – (surpreso): Se enfeitando pra que?

RAQUEL – (“seca”): Vou sair.

GEORGE – (olhando o relógio): às quatro horas da manhã?

RAQUEL - Não foi você quem disse que quando se quer vencer o tempo, devemos fazer com que ele não exista? pois eu quero vencer o tempo.

GEORGE - Não conseguirá apagar as rugas do rosto!

RAQUEL - Um pouco de maquiagem ajuda, você sabe.

GEORGE - Não conseguiria enganar-se, esteja certa.

RAQUEL - Mas poderei enganar algum trouxa, como já o fiz antes!

GEORGE - Como papai?

RAQUEL – (sádica): Sim, como fiz com teu pai... Eu o enganei durante muito tempo... Ele me vinha com aqueles papos de melhores empregos, de esperanças calhordas, de educação... Vinha sujo daquele maldito trabalho e se esfregava em mim como um porco... passava aquela mão calejada nos meus seios como se estivesse manejando alguma máquina nojenta. E como animal, me levava pra cama sem que eu tivesse o direito de ter sobre mim um corpo limpo, cheiroso... Ele é o cara da fotografia que te mostrei... Pelo que você é, não há dúvida que ele foi mesmo o teu pai. (ergue-se, decidida): E agora me deixe passar! Tenho coisas mais importantes para fazer que ficar dando trela pro filho de um porco. (e sai, pela porta da esquerda)

CENA – 8

George, por uns momentos, mantém-se imóvel, olhando para a porta da esquerda. Depois, apanha o bilhete, desamassa-o e põe-se a reler a mensagem. Não se percebe nenhuma reação fisionômica, nenhuma emoção. Torna a amassar o pequeno papel, joga-o de lado e apanha o seu casaco de couro; procura alguma coisa em seus bolsos. Desiste, atirando o casaco novamente sobre a cama. Observa ao redor, com lances de olhar. Vai até um dos criados-mudos, abre a gaveta e vasculha os objetos. Faz a mesma coisa em relação ao outro criado-mudo. Caminha até a estante, olhando-a superficialmente. Depois, abre a porta do guarda-roupa, examinando o seu interior; dá de ombros, fecha a porta do móvel e vai sentar-se aos pés da cama, cabisbaixo. Pouco depois, retorna Raquel, vestida de maneira diferente, ou seja, de camisola e penhoir. Lentamente, aproxima-se de George... (importante, a luz azul dá lugar para a luz comum, ao início desta cena).

RAQUEL – (mostrando um maço de cigarros para George): É isto que você está procurando?

GEORGE – (meio surpreso): É isso mesmo. (apanha o maço): Acho que o meu acabou, ou perdi quando vinha para cá... (retira um cigarro e o põe na boca; Raquel o acende): Obrigado... Onde está

o seu vestido novo?

RAQUEL – (surpresa): Vestido novo? Qual deles?

GEORGE - Tem muitos?

RAQUEL - Bem... Na verdade, tenho um só...

GEORGE - Azul escuro? Vestido de noite?

RAQUEL - Esse mesmo... Aliás, eu o mostrei para você... Deixei-o no banheiro...

GEORGE - No banheiro? Você saiu por aquela (indica) porta minutos atrás...

RAQUEL - Eu?! Eu saí como estou, vestida deste jeito.

GEORGE - Nós tivemos uma discussão, Raquel. Eu e você. Você me empurrou e disse que ia sair. Enfeitou-se toda, maquilou-se...

RAQUEL – (espantada): Você deve estar sonhando, George. Eu saí um pouco, é verdade, para comprar cigarros... E passei por aquela porta do mesmo jeito que voltei para este quarto... Olhe-me, por favor...

GEORGE – (olha-a displicentemente): Você não estava vestida desse jeito... (ergue-se, joga o cigarro no chão e, com certa violência, amassa-o com os pés): Você está querendo me deixar louco!

RAQUEL – (ainda espantada): O meu vestido está no banheiro. (rapidamente, vai até o banheiro – porta à direita, apanha o vestido, mostrando-o ao George): Aqui está, George. O vestido azul escuro, de noite!

GEORGE – (confunde-se): Você deve ter voltado, sem que eu a visse...

RAQUEL - De que jeito, George. Eu teria de passar por você... O que há, George?

GEORGE – (confuso): Eu não sei... Estou confuso. por favor, não me torture.

RAQUEL - Você está se torturando sozinho.

GEORGE – Por favor, explique-me como você saiu... Onde eu estava... Sei lá, diga-me alguma coisa para que eu possa raciocinar.

RAQUEL - Está bem... Eu fui ao banheiro, apanhei esta camisola e este penhoir. Voltei ao quarto. Você estava sentado na penteadeira, olhando-se no espelho. Troquei-me bem aqui, você não me viu. Aí, como você estava tão absorto, olhando-se no espelho, eu saí sem perturbá-lo . E agora, estou aqui de novo...

GEORGE – (movimenta-se, meio perplexo): Espere, espere... Responda-me, por que você trocou de camisola e penhoir?

RAQUEL - Por uma razão muito simples: vaidade feminina. Afinal, aquela camisola e penhoir (indica sobre a cama) estão usados e amassados...

GEORGE – (meio estúpido): Por que você não usou o vestido novo?

RAQUEL - Para ir até o bar, aqui em baixo do edifício? Seria até ridículo...

GEORGE – (apanha o bilhete no chão): Você não leu isto?

RAQUEL – (tentando apanhar o bilhete, sem que George a deixe): O que é isso?

GEORGE - você não sabe? Você o apanhou no bolso do meu casaco.

RAQUEL - Ora, George, tenha paciência! Acho que o licor perturbou a sua mente. Está com excesso de imaginação. (nervosamente, apanha um cigarro).

GEORGE - Talvez você tenha razão... Minha imaginação tem me torturado muito, ultimamente...

RAQUEL – (acendendo o cigarro): Você precisa se distrair um pouco... Deve deixar de lado esses pensamentos absurdos... Parece que está querendo desvendar os mistérios da vida!

GEORGE – (caminha, lentamente, até a ponta do palco; olha para cima, como se admirasse as estrelas da janela do aposento): Quantos mistérios existem entre o céu e a terra? Nem Shakespeare saberia responder...

RAQUEL – (bem natural): Loucura tentar desvendá-los...

GEORGE - Talvez, talvez... É possível que exista uma porta...

RAQUEL – (natural): Existem tantas portas...

GEORGE - Não, não são desse tipo... Uma porta especial... Uma porta para as estrelas, compreende?

Uma porta que permaneça sempre aberta, para que os tristes...

RAQUEL – (aproxima-se, carinhosa): Mais uma vez eu te peço, não te tortures tanto... Não vale a pena. A vida tem seus encantos...

GEORGE - (agressivo): Encantos de portas abertas!

RAQUEL – (didática): Escute, George! Você precisa esquecer essa mania de portas abertas. Isso está levando você a loucura, homem!

GEORGE – (em meio desespero): Por que eu tive de voltar antes da hora, meu Deus!

RAQUEL – (tentando ser compreensiva): O que passou, passou... Águas passadas não movem moinho, meu bem.

GEORGE – (com emoção): As minhas águas vão e voltam... São sempre as mesmas... É o rosto de minha mãe que se reflete nelas... (mãos na cabeça): Oh, meu Deus! Eu já não agüento mais!

RAQUEL – (meio agressiva): Esqueça a sua mãe! O que ela fez por você? Nada! Renegou seu nascimento. Destruiu a imagem de seu pai! Destruiu você, não percebeu?

GEORGE – (desesperado): Eu me criei misturado ao lixo das ruas. Com o cheiro das sarjetas na entranhas... Que encanto pode ter uma vida assim?

RAQUEL – (grita): O encanto de estar vivo!

GEORGE – (grita): Pra quê? (pequena pausa – George procura controlar-se; depois, em ação rápida, dirige-se ao banheiro): Vou me vestir! (sai pela porta da direita).

CENA – 9

Raquel apanha o bilhete, que fora atirado ao chão pelo George. Desamassa-o e põe-se a ler. Reações fisionômicas de pasmo. Com o bilhete na mão, caminha até a frente do palco. Reflete um pouco, olhando para cima. Depois...

RAQUEL – (quase que imóvel – perplexa): Então é isso! Pobre George... Nossa união jamais poderia dar certo... Ele me confunde com a própria mãe... E nunca poderia completar-se como meu amante... Então, por quê? Por que voltou esta noite? Por um momento pensei que pretendia matar-me... Mas, não! Procurava ajuda, meu Deus! (olha para cima): Digam-me, estrelas de George, o que eu posso fazer? Como eu posso indicar o caminho certo para uma mente perdida em labirintos? (torna a amassar o bilhete, atira-o ao chão e volta-se em direção a cama): Quão misteriosos são os intentos das mentes doentias!

Nesse instante, usando o vestido azul escuro de Raquel, retorna George. Mostra-se tranqüilo, sem trejeitos, natural.

GEORGE - Que tal, Raquel? Fico bem neste vestido?

RAQUEL – (sem grandes reações): Você fica bem de qualquer jeito... (deixa-se sentar na cama).

GEORGE – (ajeitando-se): Eu gostaria de ter um destes. É muito elegante.

RAQUEL – (indiferente): Se quiser, pode ficar com ele. Eu não me importo.

GEORGE – (alegre): Verdade? Você quer que eu fique com ele?

RAQUEL – (indiferente): É seu, George. Pode levá-lo.

GEORGE – (alegre, olhando-se no espelho da penteadeira): Eu tinha uma inveja danada de mamãe. Sempre teve vestidos lindos, coloridos... Quando ela saía, eu os vestia todos. Um por um... E me admirava no espelho do guarda-roupa... Você nem imagina o susto que eu levei um dia. (senta-se ao lado de Raquel): Eu estava me olhando todo, bem na frente do espelho. De repente, pelo reflexo, eu vi um homem atrás de mim. Eu tinha esquecido a porta aberta... Ele queria ver a mamãe, mas ela não estava... Eu tremia, Raquel, tremia... Eu devia ter uns quinze anos, mais ou menos. Ele sentou-se na cama e ficou me olhando de um jeito esquisito...

Depois, aproximou-se de mim... (mostrando o braço): Olhe, até me arrepio quando penso nisso! Passou a mão pelos meus cabelos... Acariciou-me dum jeito gostoso... Beijou-me... Acabei vingando-me de mamãe; na cama dela, com um de seus homens e vestido com a roupa dela. Foi assim que tudo começou... Foi ele quem me mandou aquele bilhete, uns dois anos depois... Eu guardei aquele pedacinho de papel como recordação daquela primeira vez... A gente nunca esquece o primeiro amor, não é?

RAQUEL – (indiferente, fria): É, acho que não...

GEORGE - Sabe, Raquel, eu não gostaria de ter sido o primeiro amor de alguém. A gente se torna responsável pela tristeza de quem nos ama.

RAQUEL – (indiferente): Você foi o meu primeiro amor, George... Primeiro e único. Nunca mais consegui amar alguém... por isso, os homens não tem valor para mim...

GEORGE – (encabulado): Eu sei, querida. Mas eu tinha que arranjar um casamento... Eu precisava calar a boca de minha mamãe... (ergue-se): Ela soltava palavras pela boca... Palavras de fogo que me incendiavam por dentro...

RAQUEL – (Vai a estante): Você devia ter me avisado... Talvez tivéssemos combinado tudo... Talvez eu aceitasse a situação para ajudar você... (serve-se do licor): No entanto, a sua mentira me fez esperá-lo por tanto tempo...

GEORGE - Você se conformou quando eu disse que era impotente. Quando eu disse que era doença... Que eu ia me tratar...

RAQUEL – (bebe o licor): Você é incurável, George. Sua alma está doente, não compreendeu ainda?

GEORGE - Não sei porque você se revolta tanto. Depois, você já devia imaginar como eu era. Não é tão ingênua a tal ponto de... (é interrompido por Raquel).

RAQUEL – (irritada): Eu acreditei em você, George! Será que uma pessoa não pode acreditar no ser amado, sem viver na desconfiança?

GEORGE - Não se irrite, queridinha! Somos dois adultos conversando coisas de adultos.

RAQUEL – (irritada): Ora, George, deixe de ser infantil. Você me destruiu, não percebeu?

GEORGE - Mamãe também me destruiu.

RAQUEL – (meio desespero): Mas eu não sou sua mãe. E por que eu fui a escolhida para a sua vingança?

GEORGE - Porque eu descobri que você era tão frágil como eu. As pessoas frágeis se transformam facilmente em objetos... Eu ainda sou um objeto... E você o será sempre!

RAQUEL - (chorando): Você é cruel, George! Você veio até aqui de propósito. Trouxe aquele maldito bilhete para que eu o lesse, não foi?

GEORGE – (frio): Exatamente. E aconteceu igualzinho como aconteceu com mamãe. Até que foi divertido...

RAQUEL - (chorando): Mais uma vitória, não George?

GEORGE – (frio): Não é bem assim. Eu não tenho tempo para pensar em vitórias. Diria que foi mais uma derrota, talvez a última...

RAQUEL – (pondo-se de saída para o banheiro): Eu não posso suportar mais a sua crueldade. (corre e sai pela porta à direita).

CENA – 10

George, lentamente caminha até a penteadeira. Senta-se diante do espelho, olha-se, e começa a preparar os produtos de maquilagem. Depois vagorosamente, começa a pintar-se com sombras, batom, etc...

De repente, com expressões de perplexidade, volta Raquel, que se aproxima de George...

RAQUEL - Onde estão meus comprimidos, George?

GEORGE – (indiferente, maquilando-se): Não sei do que você está falando.

RAQUEL - (mostrando um pequeno vidro): Estes aqui, meus calmantes. Você os jogou fora?

GEORGE - (indiferente, maquilando-se): Eu seria muito estúpido para jogar fora a chave da minha única porta.

RAQUEL - (confusa): Chave? Porta, que porta?

GEORGE - A porta para as estrelas, não se lembra?

RAQUEL - (perplexa): Você... os tomou?

GEORGE - (ainda indiferente, maquilando-se): Todos. A minha porta já está aberta.

RAQUEL - (confusa, desesperada, procurando raciocinar): Espere, deve haver algum jeito... Merda, se eu tivesse um telefone...

GEORGE - (erguendo-se): Não adianta, querida. Já estou começando a ouvir o silêncio das estrelas... Para que a esperança, Raquel?

RAQUEL - (desesperada): Eu preciso fazer alguma coisa, meu Deus! Chamar um médico... Ambulância...

GEORGE - (caminhando até a ponta do palco): Tolices, menina! Tolices... (cambaleia): Veja, já é quase manhã... daqui a pouco, o sol apagará tudo lá em cima... (outro cambaleio): Eu tenho pressa, Raquel. Preciso estar lá antes do amanhecer... A viagem pode ser longa... (cai): Depressa, me ajude. (Raquel corre a ampará-lo): Ajude-me, preciso levantar... (com dificuldade George levanta-se com a ajuda de Raquel): A porta do seu quarto... ainda está aberta?

RAQUEL - (confusa): Sim, ainda está...

GEORGE - (tentando caminhar): Então me leva pra lá... Preciso passar por ela o mais rápido possível... Tenha cuidado, não me amasse o vestido... Nem me estrague a maquiagem...

RAQUEL - Eu o não compreendo... Você está morrendo, George!

GEORGE - (com excessiva dificuldade para falar e caminhar): Você me promete... que... mesmo se eu adormecer... antes do tempo... você me arrasta... através daquela porta?

RAQUEL - (desesperada): Eu não sei... Eu só quero ajudá-lo...

GEORGE - Então... prometa...

RAQUEL - Eu... prometo, querido! Eu prometo!

George tomba; Raquel não consegue mantê-lo de pé. Raquel ameaça correr para a porta à esquerda...

GEORGE - (caído, sem forças): Não vá agora, Raquel. Não perca o melhor dessa história, meu bem... Eu estou... passando pela porta... É tudo tão silencioso... Tão calmo... Para que a esperança, Raquel.... Se o sofrimento... vai ficar... nesse lado... daí? (tomba a cabeça, sem vida).

Sem reação aparente, emocional, Raquel o arrasta para fora do palco, passando-o pela porta da esquerda. Depois, retorna à cena, ajeita a cama, vai até a estante e coloca no toca-discos uma música qualquer. Deita-se, cobre-se até a cintura, apanha o livro e, recosta no travesseiro, põe-se a ler.

Minutos depois, sorratamente, esgueirando-se pelas paredes e móveis, entra pela porta da esquerda, um homem. E quando esse homem aproxima-se da ponta do palco, Raquel, em desespero, grita:

RAQUEL - Hoje não! E nunca mais! Vá embora! E tranque a porta quando sair, por favor!

Apagam-se todas as luzes.

E silencia a música do toca-discos.

FIM